

Simonsen propõe a recessão

No receituário de Mário Henrique Simonsen para debelar a crise econômica, à paciência soma-se um rígido programa técnico cuja máxima é a de que o Brasil, para voltar a crescer no futuro, precisa aceitar crescer menos no presente e praticar, assim, uma "recessão inteligente". Sua tese, em circulação desde a queda de Bresser Pereira, por duas vezes quase o levou de volta a Brasília.

Além das medidas já adotadas pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, como o congelamento de salários nas estatais e redução do déficit público, o ex-ministro propõe o receituário ortodoxo clássico. Isso implica livre negociação dos salários, demissões de funcionários nas estatais, transferência imediata de encargos relativos à educação e saúde para estados e municípios, a privatização de empresas estatais, extinção de subsídios e incentivos fiscais e aplicação de um redutor a preços e salários, baseado na inflação passada. Simonsen descarta, completamente, choques como os do Plano Cruzado, embora seu conjunto de propostas não deixe de representar um duro choque na economia.

Bresser Pereira recusa-se a dar conselhos a Mailson da Nóbrega, mas espera que ele agüente firme, "pois está fazendo o possível dentro de um governo fisiológico como este". Mas, se ainda estivesse no ministério, desenvolveria imediatamente um plano econômico baseado em três grandes choques: um fiscal, para reduzir despesas públicas, eliminar subsídios e incentivos (exceto os de exportação), privatizar e extinguir empresas e departamentos administrativos. O segundo choque seria na dívida externa. Bresser, que la-



AE

Simonsen: receita ortodoxa.

menta a política de Mailson nesse campo, retomaria a moratória e determinaria que o Brasil pagasse apenas 60% da dívida num prazo de 25 anos. O banco que não concordasse não receberia nada.

O terceiro choque de Bresser seria um congelamento de preços e salários, "parecido com o Plano Cruzado quanto à sua formulação e diferente quanto à sua administração". Isto é, o governo evitaria o excesso de demanda de produtos e adotaria um sistema de flexibilidade nos preços relativos das mercadorias. "Para fazer isso é preciso um presidente que tenha a coragem e a visão de um estadista", pondera.

CONVOCAR A NAÇÃO

No diagnóstico do ex-ministro Delfim Netto, a "grande tragédia" nacional é o inchaço da máquina administrativa oficial em mais de 200 mil pessoas, contratadas pela administração direta e empresas estatais desde o

início da Nova República. Outro ponto crítico é a evolução dos salários do funcionalismo nesses anos, que cresceram em termos reais cerca de 40% contra a queda de 20% verificada até 1984 sem que o governo tenha simultaneamente aumentado sua produtividade. "É uma orgia, viramos um Estado paternalista."

O governo, acredita Delfim, sabe o que fazer: precisa ter a vontade política de tomar decisões. E compete ao presidente José Sarney fazer isso, segundo ele na forma de uma convocação à Nação na qual se coloque claramente que só temos duas opções: uma recessão profunda, "não mais necessária", ou uma política de entendimento que leve a cortes no governo e nos salários reais, que seriam corrigidos pela inflação passada. Programa como esse, para o ex-ministro, precisa deixar muito claro como seriam distribuídos os custos sociais e exige "enorme credibilidade" para funcionar. Se cumpridos esses requisitos, Delfim crê que seria aceito pela Nação e pelo Congresso. E ironiza: "Seria mais fácil eleger um novo presidente desde que houvesse um gênio de plantão".

Ernane Galvães, que fez dobradinha com Delfim, no governo João Figueiredo, acha que Mailson está no caminho certo e, de certa forma, repete mais ou menos o que ele e Delfim fizeram entre 79 e 84: primeiro acertar as contas externas para, depois, cuidar da política interna. "Podem agora cuidar de fazer o que deve ser feito: cortar as despesas públicas e subsídios, iniciar a 'operação desmonte' de transferência de encargos da União, encurtar os prazos de recolhimento de impostos e intensificar a fiscalização", propõe Galvães.